



Movimento Nacional Cabinda



pela

SOBERANIA

Cultural • Económica • Política



LEONID BREZHNEV



AGOSTINHO NETO



LÚCIO LARA

**NETO E LARA NÃO
MERECEAM A CONFIANÇA
DOS LÍDERES AFRICANOS E
NEM MESMO A DE BREZHNEV,
ENTÃO LÍDER DA URSS.**

Berlim, 8 de Março de 2021

Prólogo

Aos que duvidam da pertinência e relevância do facto de saber se Neto e Lara mereceram ou não a confiança dos líderes Africanos e de Brezhnev, digo, desde já, que deveriam atentar no seguinte magistério da Dra. Maya Angelou, citação: *The more you know of your history, the more liberated you are*; ou "Quanto mais você sabe de sua história, mais liberto você fica."

Em Angola, é precisamente de liberdade que se trata. Para além de ser um Estado que ainda tem de se livrar da velha relação colonial baseada na dominação, subjugação e exploração, Angola é também um país utilizado como entidade mercenária, encarregada de desapossar Cabinda da sua soberania política e facilitar o saqueio dos recursos naturais deste último país.

Tornou-se costume, nas últimas quatro décadas, ouvir intelectuais Angolanos queixarem-se da corrupção desenfreada e utilização criminosa do Estado e da economia, bem como da política de terror, da institucionalização da fraude e batota, e da subserviência relativamente aos imperialistas e monopólios ádvenas, vistas como sendo o ADN identitário do partido no poder.

Já em 1962, o ADN identitário do MPLA foi descrito com exactidão por Holden Roberto, então presidente da FNLA. Mas o ADN continua a ser o mesmo e a situação em Angola não só vai de mal a pior, mas ameaça piorar cada vez mais. Para inverter esta situação, há que começar por compreender como foi possível chegar a este ponto.

No entanto, importa reconhecer que só foi possível chegar ao triste estado em que Angola se encontra graças a um conjunto de factores internos e externos. Apesar de alegar ser um Movimento Anti-Colonial e de orientação Marxista-Leninista, o MPLA não foi parceiro credível e fiável para a maioria dos Estados africanos, e muito menos para a então União Soviética.

Pesquisas que busquem averiguar o facto de o MPLA não ter sido capaz de inspirar confiança nos parceiros africanos e soviéticos, acabam por trazer ao de cima os vários factores internos e externos que estão na origem da desgraça nacional angolana pós-colonial. Aqui, limito-me a proporcionar aos estudiosos algumas pistas-chave para investigações mais aprofundadas.

Ao fim e ao cabo, para que o esforço das nações africanas consiga chegar a um resultado satisfatório, impõe-se aos chefes de Estado e respectivas populações o dever de incarnar, de forma cabal, dois princípios dos mais intangíveis e imutáveis, i.e. o da soberania universal dos Estados que se impõe a todos sem excepção e o do direito dos povos à autodeterminação.

Grau de desconfiança dos Soviéticos

Documentos secretos que emergem de arquivos soviéticos e cubanos, após a sua desclassificação, dão-nos conta das suspeitas africanas e soviéticas relativamente ao MPLA presidido por Neto e Lara, no decurso dos anos 1962 a 1979. Há, sim, factos que justificam as suspeitas. Porém, as principais causas da conduta suspeita do MPLA são significativamente exógenas.

Os excertos seguintes, oriundos dos arquivos acima mencionados e postos à disposição dos interessados, dão conta, tal como Holden Roberto em 1962, da irresponsabilidade política e da desorganização do nacionalismo angolano próprias do MPLA. Em suma, tornam palpável a desordem que continua a presidir às acções políticas internas e externas do MPLA.

Do ponto de vista organizacional, não se deve pensar no MPLA como um partido de vanguarda, ou mesmo como um partido, mas sim como uma coligação solta de sindicalistas, intelectuais progressistas, grupos cristãos, e grandes segmentos da pequena burguesia.

O presidente tanzaniano Julius Nyerere - simpatizante dos objectivos políticos do MPLA - ficou exasperado com as exigências inflexíveis de Neto nas negociações. "O líder angolano [Neto] é um bom poeta e médico," disse Nyerere ao embaixador da Alemanha de Leste, "mas um mau político."

Apesar de a Embaixada [soviética] ainda não confiar plenamente em Neto, eles [Soviéticos] admitiram que ele [Neto] tinha actuado ao agrado dos Soviéticos durante estas batalhas. Na primavera de 1976, ele [Neto] continuou a pressionar por mais instrutores militares soviéticos, atitude que o Encarregado de Negócios da União Soviética em Luanda, G.A. Zverev, apontou como sinal da dedicação do presidente angolano à nova aliança, embora Neto ainda não tivesse consentido em requerer bases militares soviéticas permanentes.

A segunda lição que os soviéticos acreditaram ter aprendido com a aventura angolana era que a União Soviética pode e deve reconstruir e reformar grupos anti-capitalistas locais em áreas de crise. O MPLA, os observadores soviéticos locais sustentaram em 1976, foi salvo das suas próprias loucuras pelos conselhos e assistência de Moscovo, que não só o ajudaram a vencer a guerra, mas também lançaram as bases para a construção de um "partido de vanguarda". O movimento angolano [MPLA] tinha sido anteriormente atormentado por "carreiristas e companheiros de viagem", mas, devido à orientação soviética, os "internacionalistas" estavam em ascensão. Estes novos líderes — homens como Lopo do Nascimento e Nito Alves — perceberam que o MPLA fazia parte de um movimento revolucionário internacional liderado por Moscovo e que, por essa razão, tanto na altura como no futuro, dependiam do apoio soviético.

Foram estes internacionalistas que Moscovo quis ajudar na construção de um novo MPLA, baseado na experiência do PCUS. Notando o mau estado da organização do MPLA em muitas áreas, os peritos soviéticos em construção de partidos sugeriram que este era o campo em que Do Nascimento, Alves [Nito], e outros deveriam concentrar as suas actividades. Ao assumirem a liderança na construção da organização do partido, seriam também os futuros líderes do partido Marxista-Leninista em Angola.

Vide Odd Arne Westad, *CWIHP Bulletin* 8/9 Winter 1996, pp 24, 27, 28.

Nos extractos acima, não só nos deparamos com o facto de Neto não ter sido capaz de inspirar confiança e esperança nos seus concidadãos, bem como nos seus parceiros africanos e soviéticos, mas também com o facto destes últimos terem preferido apostar em Nito Alves e Lopo do Nascimento, sem omitir a má nota dada a Neto por chefes de Estado africanos.

Grau de desconfiança dos Africanos

Holden Roberto, fundador e primeiro presidente da FNLA, respondendo a uma carta do então presidente do MPLA, Agostinho Neto, em 8 de agosto de 1962, retratou o MPLA de ontem e de hoje com uma precisão impressionante, ao mesmo tempo que alertou os seus irmãos de Angola e de África sobre a agenda sinistra por detrás da dialéctica do MPLA; citação:

"Quanto à desorganização do nacionalismo angolano, a que se refere na sua carta, não existe nada disso senão na sua imaginação, baseada sem dúvida na desordem que preside à acção do seu partido, o MPLA. Causar confusão na mente das pessoas, servir-se da denigração sistemática, fazer uso da difamação, ter o complexo de superioridade e aceitar a corrupção, eis o que a sua política prova ser. Uma política dessa natureza, coroada de corrupção, não dá frutos porque as massas angolanas desfavorecidas acabarão por perceber, um dia, que por detrás da dialéctica do MPLA esconde-se o neocolonialismo que alguns desejam ver implantar em Angola de modo a perpetuar a escravidão do nosso povo."

Vide Dia Kasembe, *Angola : 20 Ans de Guerre Civile: Une Femme Accuse*, pp. 233-234.

Acontece que, como os factos demonstram, de todos os líderes africanos (Chefes de Estado e líderes dos movimentos de libertação) dos anos 1960 e 1970, Agostinho Neto foi sem dúvida o pior político ao ponto de roçar a mais absoluta idiotice. Compreende-se, pois os supremacistas brancos conspiraram e privaram Neto de sua auto-confiança, seu equilíbrio psicológico.

Digamos de passagem que, quando não há equilíbrio psicológico caímos no pseudo-amor que se limita a receber, a extorquir e a pilhar a vida dos outros, sem que alguma vez possamos dar algo do que temos. Os psicólogos e psiquiatras concordam que o equilíbrio é o instrumento da perfeição humana, e que sem ele não há nada de autêntico que possa ser realizado.

É evidente que o facto de Neto ter sido despojado de sua auto-confiança é o principal factor que predispôs não só o próprio Neto, mas também o MPLA, à corrupção, i.e. à alteração para um estado ética ou moralmente negativo. Resulta disso o facto de Neto ter-se tornado num mero instrumento (marioneta) destinado a ser utilizado pelos imperialistas e neocolonialistas.

Aos olhos da maioria dos líderes africanos do início dos anos 1960 até aos anos 1970, particularmente os dos vizinhos então independentes, i.e. a RDC (Kinshasa) e a República do Congo (Brazzaville), Neto era apenas uma adulterada figura de proa nas mãos dos seus assistentes ocidentais, com destaque para os franceses, americanos, portugueses, belgas e por aí fora.

Os dirigentes congolese não estavam preparados e dispostos a apoiar um movimento de libertação angolano recém-nascido em 1960, neste caso o MPLA, visto que já vinham colaborando com e apoiando a FNLA cuja existência remonta aos anos 1950. O surgimento do MPLA de Neto foi visto como um atentado contra a luta anticolonial angolana incarnada pela FNLA.

Desde os anos 1960, existe no seio do MPLA uma clivagem racial e ideológica extremamente pronunciada. Os líderes Congolese testemunharam a forma tão brutal e não consensual como Neto e seu mentor Lúcio Lara usurparam a liderança do MPLA em 1962. A clivagem e esta usurpação do poder causaram as reticências dos líderes Congolese em relação ao MPLA.

A postura desumana de Neto e o seu complexo de superioridade, peculiar aos assimilados, para além de não o terem ajudado a ganhar a confiança dos dirigentes africanos, ampliaram a antipatia entre o MPLA e os dirigentes congolese, e, por extensão, os pais fundadores da OUA. O MPLA era suspeito de ter inconscientemente apostado nos supremacistas brancos.

Política de soltar Barrabás e crucificar Jesus

Um dos principais esforços dos supremacistas brancos, que são ao mesmo tempo imperialistas e neocolonialistas, é fazer com que os Pretos em todo o mundo soltem seu próprio "Barrabás" e crucifiquem seu próprio "Jesus". Na RDC, fizeram soltar Mobutu e crucificar Patrice Lumumba e Kasa-Vubu, enquanto que em Angola fizeram soltar Neto e crucificar Viriato da Cruz.

Para evitar que as nações africanas reclamem e recobrem o seu lugar ao sol, os supremacistas brancos geralmente manipulam os Pretos e a opinião pública mundial, de uma maneira predeterminada, para que odeiem e acabem finalmente por endossar a crucificação (assassínio ou ostracização) de qualquer "Jesus" Preto, i.e. de qualquer líder africano leal e benquerente.

Os líderes Africanos que tendem a erguer-se como libertadores, ou seja, como "Jesus" Preto, passam a ser espiados e lentamente ostracizados, demonizando-os em função de suas tendências ideológicas ora como "bandos de racistas," como meros "bandidos ao serviço dos imperialistas ocidentais," como "comunistas perigosos," ora como "terroristas."

De entre líderes Africanos, é o mais corrupto, ou propenso a servir-se do maior número possível de seus próprios concidadãos como escada para uma glória egoísta, que os supremacistas brancos discretamente preparam, financiam e embelecem para uma liderança chamada a retrogradar a África, i.e. a impedir que esta possa usufruir do direito a uma vida digna.

Papel de Bandungue na preparação de Neto

Entre 18 e 24 de Abril de 1955 é realizada na Indonésia a famosa Conferência Ásia-África, tcc Conferência de Bandungue. Protagonistas: Afeganistão, Birmânia, Camboja, Ceilão, China, Filipinas, Índia, Indonésia, Japão, Laos, Nepal, Paquistão, Vietname, Tailândia, Arábia Saudita, Iêmen, Irão, Iraque, Jordânia, Líbano, Síria, Turquia, Gana, Etiópia, Egito, Líbia, Libéria e Sudão.

A Conferência tinha, entre outros objectivos, esboçar o futuro de uma nova força política global (Terceiro Mundo), visando o reinício e promoção da cooperação económica e cultural afro-asiática, como forma de oposição ao que era considerado colonialismo ou neocolonialismo, não só por parte da Europa, mas também dos Estados Unidos e da União Soviética.

Os líderes reunidos sublinharam o direito fundamental de todos os povos à autodeterminação. Comprometeram-se a ser solidários uns com os outros na luta contra o colonialismo e na luta pelo desenvolvimento económico e social. A Conferência fez surgir valiosos instrumentos jurídicos, e.g. as Resoluções 1514 (XV) e 1803 (XVII) da AGNU de 14.12.1960 e 14.12.1962.

Poucos meses após a Conferência de Bandungue, Portugal e os Estados Unidos concordaram, na Cimeira bilateral de Novembro de 1955, que "a própria existência da Europa Ocidental depende dos recursos naturais da África e do controlo contínuo exercido pelas potências da Europa Ocidental sobre o continente africano."

Os EUA expressaram total acordo com a estimativa de Portugal sobre os terríveis efeitos da perda da África na Europa Ocidental e concordou que nos próximos 25 anos esta seria uma área crucial. Admitiu que a independência prematura dos povos submetidos era um perigo, mas que, consoante o caso, a liberdade seria a única forma de combater o perigo comunista.

Cimeira/EUA-Portugal: <https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1955-57v27/d148>

Faz sentido sublinhar o que Richard Nixon tinha dito quando era vice-presidente de Eisenhower no decurso dos anos 1950: "Os interesses futuros dos EUA são tais que não devemos hesitar em contribuir para a saída das potências coloniais estabelecidas em África. Se, ao fazê-lo, pudermos nos apegar à opinião indígena, o futuro dos EUA em África estará assegurado."

Dia Kassembe, op. cit., p. 87.

Em vista da mobilização internacional anti-colonial e anti-imperialista iniciada pelos protagonistas da Conferência Ásia-África (Bandungue), à semelhança da vontade política dos EUA de contribuir para que as potências coloniais saiam da África, o regime de Salazar apostado em continuar a sua "missão civilizadora" vai ter que desactivar os movimentos de libertação.

O despertar de três correntes nacionalistas

Na sequência da cimeira luso-americana acima mencionada, vislumbram-se em Angola três correntes ou tendências nacionalistas opostas—a integracionista e assimilacionista defendida pelo regime de Salazar; a Luso-Angolana sustentada pelos descendentes dos conquistadores; e a “Pan-Angolana” personificada exclusivamente pela população indígena.

Em 1956, os “Pan-Angolanos” criaram uma série de associações políticas clandestinas chamadas a conduzir a uma mais ampla e firme luta ao colonialismo. Todavia, as actividades legais nestas associações vão rapidamente ver-se dificultadas pela infiltração policial e pela coexistência no associativismo das outras duas tendências facilmente reconciliáveis.

O mais pequeno denominador comum entre as duas últimas é o facto de serem favoráveis à reivindicação de melhores condições de vida para os angolanos, aceitando por isso o paternalismo colonial. Isto, apesar de uma contemplar uma Angola independente à maneira do Brasil, e de outra pugnar por uma Angola assimilada e integrada no Portugal metropolitano.

Surge disso uma certa radicalização e polarização entre Agostinho Neto, tornado favorável ao paternalismo colonial que se limita a propor melhores condições de vida para os angolanos, e Viriato da Cruz, que se opõe decididamente à aceitação de condições impostas pelo colonizador e que visa já um combate sem tréguas ao colonialismo português.

A aventura do militar e político português Henrique Galvão está relacionada com a tendência nacionalista luso-angolana, cujo fim político e ideológico é fazer de Angola um Brasil africano. Em 23 de janeiro de 1961, Galvão comandou o sequestro de um navio de passageiros português, o Santa Maria, a caminho de Curaçao para Havana (Cuba).

Galvão diria mais tarde que as suas intenções eram navegar para a Província Ultramarina de Angola para estabelecer, em Luanda, um “governo português renegado” em oposição a Salazar. Como propaganda anti-Salazar, a acção terrorista de Galvão teve sucesso, mas matou o piloto Nascimento Costa e feriu inúmeros no processo de assumir o comando total do navio.

Vide Bartolomeu Capita, *Cabinda: Obama's Challenges in Africa*, pp. 509-510.

Quer queiramos quer não, o nacionalismo angolano é ainda hoje dilacerado, atormentado e debilitado pelas tendências supracitadas. Embora despercebidamente, cada uma destas últimas luta para que sua distinção seja reconhecida por uma vasta maioria nacional. Porém, a diferença está na desigualdade dos meios ao dispor e no apoio externo obténível ou não.

Requisitos que decidiram a opção por Neto

A opção por Neto, para que fosse preparado e viesse ulteriormente a fazer o que os supremacistas brancos esperavam dele, foi decidida por um pacote de requisitos sobre os quais vale a pena falar e discutir. Vale a pena, porque tornam tangíveis as dinâmicas distintas ou forças centrífugas em acção, e perceptíveis os entes poderosos a que estas últimas devem lealdade.

Agostinho Neto é filho de um pastor apegado à Igreja Metodista Americana em Luanda e de uma instrutora. Ao que parece, Neto é um indígena assimilado e Protestante. Como tal, Neto é a melhor escolha para a tarefa que visa combater o regime colonial português representado por António de Oliveira Salazar, um Católico Romano de princípios.

Quando Neto concluiu o ensino médio no famoso Liceu Salvador Correia, o governo colonial tinha uma bolsa de estudos atribuída anualmente ao aluno finalista do ensino secundário com a classificação mais alta. Agostinho Neto era um candidato consolidado, mas veio competir com ele outro estudante originário de Cabinda, a saber: José Pinheiro da Silva.

Segundo Adriano Sebastião, “houve polémica entre os apoiantes dos dois candidatos, tendo a balança inclinado a favor de Pinheiro da Silva. Este último tinha a vantagem de ser mais jovem, Mestiço e Católico Romano, enquanto Agostinho Neto era Preto e Protestante”. Daqui o ódio profundo de Neto por tudo o que é Pinheiro da Silva—Cabinda, Católico, Mestiço, etc.

É, no entanto, curioso notar que a futura evolução dos dois rivais não fez mais do que acentuar as suas diferenças. Enquanto Neto se tornou um líder anti-Colonial, Pinheiro da Silva continuou a ser um defensor do sistema colonial português e, nos anos 1960, subiu ao ponto de assumir responsabilidades governamentais em Angola, como Secretário Provincial da Educação.

Finalmente, em 1947, Neto obtém uma bolsa do governo colonial português para estudos médicos na Universidade de Coimbra. Em 1948 obtém da Igreja Metodista Americana uma bolsa de estudos adicional e decide transferir a sua inscrição para a Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, onde concluirá os estudos médicos em 1959.

Ao casar-se com uma jovem portuguesa de raça branca em 1959, Neto acaba por reunir todos os requisitos para cumprir com sucesso o seu papel ao serviço dos supremacistas brancos. Trata-se do seu nível académico, doutor em medicina; sua crença religiosa, Protestante; seu perfil psicológico, assimilado; seu perfil racial, Preto; seu estado civil, casado com uma branca.

A essência da política de assimilação consistiu em dessubstanciar e estetizar a diferença, para uma categoria de nativos (os assimilados) cuja aculturação os tornou aptos para a cidadania e gozo dos direitos civis. Uma vez dessubstanciados, i.e. desprovidos de substância, os assimilados tornam-se alheios, indiferentes a tudo o que é africano; ficam como fora de si próprios.

O imperativo de crucificar Viriato da Cruz

Aos olhos dos supremacistas brancos, Viriato Clemente da Cruz reuniu os requisitos necessários para ser considerado um “Jesus” Angolano. Daqui decorre o imperativo de primeiro forjar um “Barrabás” (no nosso caso, Agostinho Neto), e depois crucificá-lo, isto é, assassiná-lo. A ostracização e eliminação de Da Cruz foram endossadas até por grandes potências ocidentais.

Nenhum revolucionário angolano, nos anos 1940, conhecia Angola melhor do que Viriato da Cruz. Este último tinha percorrido todo o país como representante comercial das máquinas de costura “Singer”. Da Cruz sabia, melhor do que ninguém, até que ponto o jugo da pobreza gerado pelo sistema colonial estava devastando Angola e extenuando o povo angolano.

O movimento cultural “Vamos Descobrir Angola,” iniciado por Da Cruz, destinava-se a incitar os jovens a redescobrir Angola em todas as suas dimensões e através de acções organizadas e colectivas. Com isso, ele incitou os jovens a restabelecer a ligação com o seu passado pré-conquistas coloniais, por forma a regenerar e sustentar neles o sentido de autodeterminação.

Da Cruz sabia que a independência conquista-se em resultado de um forte sentido de autodeterminação e que isso exige uma participação massiva no debate político alargado a nível local, nacional, regional e global, assim como um sentido comum de pertença a uma mesma comunidade, pois o sentido de autodeterminação é alma gémea do sentido de unidade.

Ele quis que os jovens Angolanos usufríssem do direito de todos os povos e nações indígenas a definirem-se a si mesmos, nomearem-se a si próprios, criarem para si mesmos, falarem por si próprios, e que deixassem de ser desumanizados pelas definições e distorções de outros. Quis pôr os Angolanos no caminho do bem-estar e do triunfo final sobre os obstáculos raciais.

Decidiu opôr à cultura europeia, cuja assimilação era essencial para distinguir os africanos “civilizados” de todos os outros, uma outra cultura, africana — silenciada, ocultada, combatida e desprezada — que era necessário resgatar e divulgar como base de uma futura consciência nacional e condição para uma emancipação intelectual dos Africanos face aos Europeus.

Privilegiou a especificidade colonial em vez da característica económica: “Angola é um país africano sob o jugo do Ocidente que se encontra na sua fase capitalista-imperialista. Não confundamos a nossa luta. Angola é uma terra africana onde a maioria da população é Preta. O poder deve ser Preto. A luta é, antes de mais nada, para livrar Angola do colonialismo.”

Viriato da Cruz provou ser um profundo conhecedor das obras de Marx, Engels e Lenine, e apenas ele tinha noções claras de teoria marxista-leninista, que procurava transmitir aos seus. No manifesto que redigiu em 1956, e que entrou na história como manifesto fundador do MPLA (1960), as ideias vitais do nacionalismo angolano de inspiração marxista estão já presentes.

Propôs uma estratégia de combate intransigente ao colonialismo português, a unificação de todos os indivíduos e colectividades independentistas num "amplo movimento popular de libertação de Angola", uma frente anti-imperialista que fosse a expressão angolana da frente anti-imperialista mundial reunida em Bandungue, aquando da Conferência Ásia-África (1955).

Viriato da Cruz e Eduardo Santos são os primeiros líderes do MPLA a visitar a China, em Agosto de 1960, onde foram recebidos pelo Marechal Chen Yi, então Ministro das Relações Exteriores. Em Outubro de 1966, Da Cruz falou na tribuna de Tien An-Men, por ocasião do 17º aniversário da Revolução Chinesa, ao lado do presidente Mao Zedong e do primeiro-ministro Zhou Enlai.

Em Dezembro de 1975, durante conversações entre uma Delegação Chinesa liderada pelo Vice-Primeiro-Ministro Deng Xiaoping e uma Delegação Americana chefiada pelo Presidente Gerald Ford, Xiaoping salientou que embora a China tenha ajudado os três movimentos de libertação angolanos (MPLA, FNLA, UNITA), o que os Chineses ajudaram mais cedo foi o MPLA.

Pelo facto de Viriato da Cruz ter sido posteriormente expulso da direcção do MPLA, a visita de Agostinho Neto a Pequim e o seu encontro com o Primeiro-Ministro da República Popular da China, Zhou Enlai, em Agosto de 1971, passou a ser tida em consideração pelo MPLA de Lúcio Lara e Agostinho Neto como o ponto de partida "credível" da relação China-MPLA.

Por quem e como foi Neto preparado?

Lúcio Lara, que se tornou guia político e espiritual de Neto, tinha sido nutrido com a filosofia de Joseph-Pierre Proudhon, antagonista de Karl Marx, quando esteve em França nos finais dos anos 1950 e início dos anos 1960. É um dos factos que Nito Alves, primeiro Ministro do Interior de Angola independente, denunciou em 1977 nas "Treze Teses em Minha Defesa".

Como seguidor de Proudhon, a luta de Lara foi por uma "coabitação de classes" em Angola, uma espécie de estratificação social colonial baseada na hierarquia étnico-racial, e por uma articulação efectiva da sua convicção emprestada, segundo a qual "os negócios são a finalidade última de qualquer acto político".

Já sabemos que os estudos de Neto foram possíveis, em grande parte, graças a bolsas de estudos concedidas pela Igreja Metodista Americana. Porém, importa também saber que a luta anti-Colonial de Neto foi massivamente financiada, ainda que secretamente, por numerosas instituições religiosas e grandes corporações norte-americanas.

De acordo com Fritz Springmeier, "a Sociedade Teosófica trabalhou arduamente para destruir o Império Britânico e convencer as nações europeias a desistir das suas colónias, como passos para o governo mundial. Por isso os EUA fizeram tudo para que todos ajudassem a combater Portugal em Angola. Este 'todos' inclui as grandes confissões cristãs controladas por Maçons."

Essas denominações cristãs doaram milhões de dólares ao NCC e WCC (na Europa), dinheiro esse que foi repassado aos guerrilheiros marxistas de Angola (MPLA) para comprar armas e munições da União Soviética e de Cuba. Ao largar Portugal, seu aliado, para ajudar os nacionalistas em Angola, diz Springmeier, os EUA estavam de facto a apoiar a guerrilha comunista.

Vide Fritz Springmeier, *Bloodlines of the Illuminati*, pp. 8, 128–129.

Quanto à pretensão do MPLA de ser contra o imperialismo Ocidental, embora secretamente financiado pelo Ocidente, Sellström perguntou a Lúcio Lara: "Mais tarde, a Suécia doou camiões e outros meios de transporte para as actividades da frente oriental do MPLA. Não achou isso estranho já que a Suécia e os outros países nórdicos faziam parte do mundo ocidental?"

Vide Tor Sellström, *Liberation in Southern Africa – Regional and Swedish Voices: Interviews from Angola, Mozambique, Namibia, South Africa, Zimbabwe, the Frontline and Sweden*, p. 10.

Na Acta da Reunião do Conselho de Segurança Nacional dos EUA sobre Angola, datada de 27 de Junho de 1975, há sinais de que os EUA haviam tomado posição a favor de Neto (MPLA) bem antes de 1975. Após ter sido informado sobre Angola e problemas atinentes, o Presidente Ford perguntou a [William Colby](#) (Director/CIA) se Cabinda fazia parte dos territórios lusitanos.

Steve Biko, o memorável nacionalista africano e activista anti-apartheid da África do Sul, nos lembra constantemente, e com razão, que "a arma mais potente nas mãos do opressor é a mente dos oprimidos". Os supremacistas brancos conseguiram domesticar Neto, ter em suas mãos a mente dele, manipulando seus vícios, fraquezas e paixões descontroladas.

Neto adorava ser enaltecido, pois tinha uma atitude altiva e desdenhosa peculiar aos assimilados. No livro de Acácio Barradas, "Agostinho Neto: uma Vida sem Tréguas-1922-1979," Arménio Ferreira (Lusitano) mostra que sabia muito bem como domar pessoas como Neto, citação: "Neto era de longe mais inteligente do que seus colegas brancos no Liceu Salvador Correia".

Não só este tipo de aprovações e exaltações lisonjeiras, por parte de amigos brancos à volta, intensificaram o complexo de superioridade de Neto sobre os seus concidadãos angolanos e africanos, mas também acentuaram a sua própria perturbação mental ou psicológica. É deste modo que ontem e ainda hoje os supremacistas brancos amansam os líderes Africanos.

Neto, enquanto líder anti-Colonial, era sobretudo rodeado e acompanhado de perto por amigos europeus que estavam de facto a empanurrar-lhe a cabeça com lisonjas e falsidades. O outro problema é que Neto bebia muito; seus assistentes mais achegados faziam-no assinar documentos importantes quando ele estava embriagado.

Vide Lara Pawson, *The 27 May in Angola: A View from Below*, pp. 9-12.

Gregory Saunders, na sua Tese de Mestrado, afirma que a “Polícia Internacional e de Defesa do Estado” (PIDE) infiltrou-se nos movimentos nacionalistas e que a maior parte da repressão da PIDE foi dirigida contra o MPLA urbano. Neste âmbito, é de realçar a necessidade de os “Think Tank” ou Grupos de Reflexão angolanos identificar quem eram os infiltrados em causa.

Vide Gregory M. Saunders, *The Foreign Policy of Angola under Agostinho Neto*, p. 13.

Em conversações com Fidel Castro em Março de 1977, Neto é falto de bússola ideológica e de poder; diz: “Cuba é um país socialista, e Angola é um país com uma opção socialista. Acreditamos no socialismo. Como chegar lá? Com quem? Temos, contudo, empresas transnacionais como as companhias diamantíferas e petrolíferas que não podemos expulsar agora”.

No rescaldo da tentativa de golpe de Estado de 27 de Maio de 1977, conforme se verifica na obra de Dia Kasembe, o Presidente Neto foi questionado pela sua mãe sobre o bem que o sofrimento progressivo do povo angolano numa Angola independente lhe estava a fazer. Ao que parece, a interpelação permitiu a Neto recuperar subitamente a sua consciência.

Imediatamente após a interpelação da mãe, durante um comício em Viana, em 1978, Neto declarou em voz alta, citamos: “Já não nos vai ser ditado o nosso destino. O povo angolano está suficientemente maduro para tomar as suas próprias decisões”. Com este firme desejo de livrar-se de seus implacáveis gurus, Neto assinou a sua própria sentença de morte.

Dia Kasembe, *op. cit.*, p. 150.

Um pouco mais adiante, Neto, acordado do sono hipnótico, agravou a situação ao anunciar a sua intenção de se despedir dos Cubanos para substituí-los por uma Comissão Mista Angola-Portugal-França. Ao contrário de Lúcio Lara, Neto ignorou que os Cubanos em Angola e Cabinda estavam a servir mais os interesses do Bloco Ocidental do que os da União Soviética.

De repente, dentro do MPLA, Neto sentiu-se isolado; todos os membros do Comité Central e do Bureau Político distanciaram-se dele de uma só vez. Seus camaradas de longa data e seus auxiliares e guias mais próximos abandonaram-no a tal ponto que na última reunião do Comité Central que convocou, foi saudado sem calor e ninguém aplaudiu o seu breve discurso.

Racismo e fraccionismo no MPLA

O racismo, que acabou por originar a supremacia branca e que se articula através da arquitectura piramidal das relações internacionais, atingiu Angola e África desde as primeiras horas das intervenções imperialistas e explorações colonialistas europeias. Na era da globalização da supremacia branca, o MPLA não podia deixar de ser afectado pelo racismo.

Concordo com o sr. Marcolino Moco, quando este afirma que só uma estratégia de estabilização nacional trará o fim da fome, com boas estradas, escolas, saúde e todas as outras coisas benéficas. Porém, a força indispensável para abraçar essa estratégia depende do conhecimento que possuímos acerca do “ontem”, i.e. das lições necessárias que dele retemos.

É neste âmbito que Marcus Garvey lança o seguinte alerta: “Um povo sem o conhecimento de sua história passada, origem e cultura é como uma árvore sem raízes”. É incontestável que sem um sistema de raízes forte, as árvores não seriam capazes de se erguer e resistir a ventos fortes. Sem a mínima ideia de sua história, os povos indígenas de África correm o risco de sumir.

“As pessoas acentuadamente Neandertais, sobretudo os homens, têm uma forte tendência genética para controlar tudo. Precisam controlar as mulheres, em particular, e todas as outras ‘raças’. Procuram controlar qualquer sociedade de que façam parte; controlar a natureza e subjugar o ambiente natural como se fosse uma mulher a ser punida, arruinada e violada.”

Vide Michael Bradley, *The Rise (and Fall?) of Esau's Empire*, p. 7.

O racismo, i.e. o supremacismo branco, deve ser corajosamente confrontado e definitivamente derrotado à escala nacional e mundial, pois constitui uma cruzada contra o ideal de paz universal das Nações Unidas. O racismo no seio do MPLA, desde as primeiras horas, traz à baila o instinto diferenciador e supremacista dos conquistadores europeus e seus descendentes.

“Em 1960, vagas de detenções tinham assolado de tal forma o MPLA que este era incapaz de dirigir uma revolução armada a partir das cidades. Com a maioria dos líderes na prisão e incapazes de superar as suas origens urbanas, a restante elite, na sua maioria mestiços, fugiu em Fevereiro para Conacri, Guiné. Os militantes de base, na maioria pretos, fugiram para o mato.”

Vide John Marcum, *The Angolan Revolution: The Anatomy of an Explosion*, Vol. I, pp. 24-28

“Há também evidências de racismo preto em Angola. Alguns estão a usar o ódio contra os senhores coloniais para fins negativos. Há muitos brancos e mulatos em Angola. Infelizmente, os sentimentos racistas estão a espalhar-se muito rapidamente. Neto assumiu aqui uma posição equilibrada, nomeando brancos e mulatos como ministros”.

Vide *Fidel Castro's 1977 Southern Africa Tour: A Report to Erich Honecker*, CWIHP, pp. 18-20.

Neto também enfrentou sérios desafios à sua política interna e externa, não só por parte dos brancos e mestiços, mas também dos pretos. Estes últimos, que outrora formaram a base das forças de guerrilha durante a luta de libertação, exigiam a observância dos ditames de Marx e um sistema político-económico descentralizado baseado no "poder popular".

Para além dessas reclamações, criticaram severamente o partido (MPLA) por conceder cargos governamentais aos brancos e mestiços. Já em 1960, Viriato da Cruz aconselhou que o poder em Angola fosse restituído às populações indígenas. E em 1962, Holden Roberto discerniu e reprovou o neocolonialismo que se escondia por detrás da dialéctica do MPLA.

Agostinho Neto, o médico, cego pela soberba e orgulho, bem como pelo seu sonho utópico de "uma só nação e um só povo", recusou-se a auscultar, diagnosticar e responder às necessidades específicas do seu eleitorado nacional, i.e. os povos indígenas de Angola. O efeito disso é que os ministros brancos e mestiços no governo do MPLA puxaram a brasa à sua sardinha.

No MPLA, desde a usurpação da sua presidência por Neto e Lúcio Lara em 1962, são fraccionistas todos quantos procuram puxar a brasa à sardinha das populações indígenas, vítimas de sucessivas intervenções imperialistas e conquistas coloniais desde há mais de 500 anos. De modo firme, o mundo exige que os Direitos dos Povos Indígenas sejam honrados cabalmente.

Na "Estratégia Africana" esboçada pela KGB e aceite por Brezhnev em 1970, é realçado que os regimes e movimentos de libertação africanos estavam à procura de aliados internacionais, e que a maioria deles tinha uma abordagem "simplista" das questões globais, não compreendendo nem o conflito entre os dois blocos nem a natureza do imperialismo americano.

Vide Odd Arne Westad, *op. cit.*, p. 22.

Num discurso em 1956, o Dr. António de Oliveira Salazar deu a entender que os povos ultramarinos não eram civilizados (europeizados) o suficiente para fazer parte do mundo dos negócios bastante dominado pelos ocidentais, muito menos para governar os seus próprios países assaz bem. Sem inspiração africana nem europeia, só restou a Neto fazer abordagens simplistas.

No passado, devido às teorias racistas e supremacistas de que nenhum cidadão africano é autor, pelo menos até à data, a costa ocidental da Europa enriqueceu em virtude das conquistas coloniais e do controlo da economia no chamado Terceiro Mundo. Se a sobrevivência da raça preta está no cerne dos angolanos despertos, já é tempo de vencer o supremacismo.

Em Janeiro último, o Presidente Biden evocou a urgência de confrontar e derrotar a supremacia branca. Há dias atrás, o SG da ONU, António Guterres, disse: "O racismo e a desigualdade racial ainda permeiam instituições, estruturas sociais e a vida diária. Importa fazer mais do que apenas condenar expressões e actos racistas. Devemos cavar bem fundo. E devemos agir".

Papel decisivo dos factores externos

Até ao momento, os Angolanos prestaram pouca atenção aos factores externos, cujo papel decisivo na degeneração de Angola é sem paralelo, ou ignoram simplesmente a existência deles. Em qualquer caso, o que importa apreender é que os factores internos, apesar de também serem prejudiciais, não são senão meros efeitos dos factores externos,

De acordo com o artigo de Norberto Sateco (VOA), datado de 27 de fevereiro de 2021, analisadas políticas angolanas vêm, nos egos e nos diferentes interesses dos dirigentes, o maior obstáculo à junção dos partidos da oposição numa única frente patriótica eleitoral. Os interesses egoístas e individuais os impedem de ter a mesma percepção do perigo que espreita o país.

A esse respeito, Steve Biko afirma, com certeza, que "uma comunidade é facilmente dividida quando a sua percepção da mesma coisa é diferente". Há mais de 500 anos, a África foi conquistada pelos supremacistas brancos, e mantém-se sob jugo desde então, devido ao facto de os Africanos se revelarem indefesos e divididos quanto à percepção do inimigo comum.

Na véspera da Conferência de Berlim de 1884/1885, o jornal socialista "Justice" publicou um artigo que dizia: "Outra raça deve ser consignada à destruição que apagou as raças nativas da América, Austrália e outras partes da África. Os nativos do Congo serão reduzidos a uma escravidão real, se não nominal, sob a pressão cruel da produção capitalista".

Vide Bodley Frost, *The Invasion of the Congo*, in "Justice" of 27 September 1884.

A predição de Frost foi pouco depois substanciada pelos crimes hediondos cometidos no chamado "Estado Livre do Congo", onde a insólita sociedade filantrópica do Rei Leopold II da Bélgica e Cecil Rhodes, cruel conquistador britânico, ceifaram cerca de 35 milhões de vidas. Hitler é o pior de todos os humanos, enquanto Leopoldo II e Cecil Rhodes foram feitos heróis.

No tocante às vagas de atrocidades, de limpeza étnica e de genocídios de que a raça preta é vítima ao longo dos três últimos milénios, à escala mundial, Albert Churchward faz a seguinte revelação: "Foram exterminados na Europa, América do Norte, Japão, Austrália e Tasmânia, mas não tenho dúvidas de que podem ser achados noutros lugares ainda inexplorados".

Vide Albert Churchward, *The Origin and Evolution of Primitive Man*, p. 13.

O antropólogo francês, Topinard, afirma que os rabinos do primeiro século (E.C.) foram os primeiros a expor a difusão das diferenças de Raça e Cor como as conhecemos hoje. Ele afirma que tal era ignoto na mais remota antiguidade, pelo menos no Ocidente. Os rabinos e seus filhos insinuaram que Cam foi culpado de sodomia ou de acto sexual ilícito com sua esposa.

Vide Paul Topinard, *De la Notion de Race en Anthropologie*, Revue d'Anthrop., Vol. II, p. 587. Também Louis Ginsberg, *Legends of the Jews*, Vol. VII, Index: Ham, Cain, Ethiopia, etc.; assim como Samuel Rapaport, *Tales and Maxims from the Midrash*, pp. 167, 233-4.

O mito segundo o qual a nossa pele escura resulta da chamada "Maldição de Cam", acabou por ser dogmatizado e passou a ser a alma da civilização judaico-cristã-islâmica. Devido a este mito dogmatizado, os pretos em todo o mundo podem ser desapossados de seus meios de subsistência, escravizados, transacionados e chacinados à vontade para agradar a Deus.

Intencionalmente pervertida para ganhos políticos, a "Maldição de Cam", tal como estabelecida na versão europeia do Talmude Babilônico do VI século (E.C.), é, sem dúvida, a raiz do preconceito racial do dia de hoje contra as populações de pele preta em todo o mundo. É, por conseguinte, o fator decisivo da extensa propaganda anti-africana. Assim diz o Talmude:

"Agora, não posso gerar o quarto filho cujos filhos eu teria ordenado para servir a ti e aos teus irmãos! Portanto, deve ser Canaã, teu primogênito, que eles reduzirão à condição de escravos. E já que me desabilitaste... fazendo coisas feias na escuridão da noite, os filhos de Canaã nascerão feios e pretos! Ademais, já que torceste a cabeça para ver a minha nudez, o cabelo dos teus netos será encarapinhado, e seus olhos vermelhos; uma vez mais, porque os teus lábios zombaram de minha desgraça, os deles incharão; e por teres negligenciado a minha nudez, eles irão nus, e os seus membros masculinos serão vergonhosamente compridos! Os homens desta raça são chamados de pretos, o seu antepassado Canaã ordenou-lhes que amassem o roubo e a fornicação, que se unissem em ódio aos seus senhores e que nunca dissessem a verdade. Os homens desta raça são chamados de pretos; seu antepassado Canaã ordenou-lhes que amassem o roubo e a fornicação, que se unissem na ira e no ódio de seus mestres e nunca falassem a verdade".

Vide Ben-Jochannan, *We the Black Jews: Witness to the "White Jewish Race Myth,"* p. 2.

Os supremacistas brancos introduziram o racismo na geopolítica, fazendo tudo para que, em todo o mundo, as condições de vida dos pretos se coadunem com o retrato do "preto amaldiçoado" feito no Talmude. Os pretos devem viver na mais abjecta pobreza, pois assim os adjetivos que o Talmude lhes atribui: feios, ladrões, prostitutas e falsos, se tornam certezas absolutas.

Gênesis 9, na Bíblia desfigurada, é uma passagem que tem sido explícita ou implicitamente utilizada para justificar a escravidão e, em particular, o domínio violento e transgressivo sobre as populações pretas desde há três milênios. Insinua que a "Maldição de Cam" está apenas sendo cumprida, visto que os pretos vivem em servidão a outras raças, mormente aos brancos.

A Dra. Frances Cress insiste que os pretos precisam de estar plenamente conscientes de que o mundo, desde o advento das teorias raciais, tornou-se um tabuleiro de xadrez político entre os pretos de um lado e os supremacistas brancos do outro. Para que sejam jogadores persuasivos, não meros peões, os pretos devem entender a supremacia branca desde tenra idade.

No xadrez, "Xeque Mate" é uma jogada que representa o final da partida. Quando acontece apenas o "xeque", o rei está ameaçado, mas ainda pode escapar. Porém, quando ocorre o "xeque mate", o rei está encurralado e o jogo chega ao fim. Os pretos ainda podem escapar, desde que estejam conscientes da existência do tabuleiro de xadrez e das regras do jogo.

O carácter decisivo dos factores externos que causaram a desgraça de Angola e dos angolanos, importa que se saiba, deriva de execuções cíclicas de estratégias económicas e de uso de táticas legais e políticas por gerações de supremacistas brancos ao longo dos séculos. Vejamos, desde Franklin a Kissinger, as políticas de genocídio de que os pretos são vítimas.

Benjamin Franklin, um dos pais fundadores dos EUA, exortou os supremacistas brancos do seu tempo e das gerações futuras a incrementar o "número de pessoas puramente brancas no mundo", que, de acordo com o seu julgamento, é proporcionalmente muito baixo. Também pediu a redução do número de pessoas a que chama *swarthy* (africanos) e *tawny* (asiáticos).

Segundo Franklin, na Europa, na altura em que escrevia seus livros, os espanhóis, italianos, franceses, russos, suecos e alemães eram, em grande parte, do que ele chamou de "swarthy complexion", i.e. de pele escura. Estes Europeus pretos desapareceram da consciência, dos registos e dos litorais europeus. "Extinção e substituição" é o risco que os africanos correm hoje.

Vide Benjamin Franklin, *The Papers of Benjamin Franklin*, Vol. IV (1753), p. 234.

Joseph Arthur de Gobineau, o aristocrata francês mais conhecido por ajudar a legitimar o racismo através do uso da teoria racista científica, desenvolveu a chamada teoria da raça mestra ariana no seu "Ensaio sobre a Desigualdade das Raças Humanas", que afeiçoou a ideologia de Hitler. Ele sugeriu que a raça branca era superior às outras raças — preta e amarela.

Carrol Quigley, o autor de "The Anglo-American Establishment" e "Tragedy and Hope: A History of the World in Our Time", ensinou a visão conspiratória da história, tal como explicada pelos próprios conspiradores. [Quigley](#) declarou que, no final do século XIX, uma sociedade secreta foi fundada na Inglaterra por Cecil Rhodes, um dos homens mais ricos na história do mundo.

De acordo com Quigley, a sociedade secreta de Rhodes, com inúmeras filiais à volta sob a forma de rodela de cebola, continua a existir e tem sido a principal força histórica desde a Primeira Guerra Mundial. Desde então, os eventos de grandes proporções são na verdade determinados e regidos em grande medida pela sociedade secreta em questão.

Inicialmente, o objectivo desta organização secreta era expandir a cultura, o sistema político e a dominação do Império Britânico (City de Londres, i.e. Banqueiros) por todo o mundo. É também intento da sociedade secreta de Rhodes o de absorver gradualmente as riquezas e recursos naturais do mundo. Eis a formulação exacta do primeiro testamento de Rhodes:

"Ao e para o estabelecimento, promoção e desenvolvimento de uma Sociedade Secreta, da qual a verdadeira finalidade e objecto serão a extensão do domínio britânico por todo o mundo, o aperfeiçoamento de um sistema de emigração do Reino Unido e da colonização por súbditos britânicos de todas as terras onde os meios de subsistência são atingíveis pela energia, trabalho e empreendimento, e especialmente a ocupação por colonos britânicos de todo o Continente de Africano, da Terra Santa, do Vale do Eufrates, das Ilhas de Chipre e de Cândia, de toda a América do Sul, das ilhas do Pacífico até agora não possuídas pela Grã-Bretanha, de todo o Arquipélago Malaio, da costa marítima da China e do Japão; a recuperação definitiva dos Estados Unidos da América como parte integrante do Império

Britânico, a inauguração de um sistema de representação colonial no Parlamento Imperial susceptível de soldar os membros desconexos do Império e, finalmente, a fundação de um Poder tão grande que torne as guerras impossíveis e promove os melhores interesses da humanidade. ”

Vide Robert I. Rotberg, *The Founder: Cecil Rhodes and the Pursuit of Power*, pp. 101-102.

Na Conferência de Berlim de 1884-1885, onde a divisão injusta e genocida da África ocorreu, e onde nem Africanos nem Europeus imparciais estiveram presentes para garantir que os nativos africanos tivessem alguma palavra a dizer no processo, “Lord Granville propôs fazer do Governo português, como uma potência impotente, o Comissário Internacional do Congo”.

A tarefa e o dever que o estadista liberal britânico, Lord Granville Leveson-Gower, queria atribuir ao Governo português, na previsão de este último desempenhar o papel de Comissário Internacional do Congo, era garantir o livre acesso às riquezas e recursos naturais da região dos Grandes Lagos de África, em benefício exclusivo das nações imperialistas ocidentais.

Vide Elfi Bendikat, *Imperialistische Interessenpolitik und Konfliktregelung 1884/85*, pp. 132-134.

De acordo com o jornal britânico "The Economist" de 18 de Outubro de 1884, a proposta de Lord Granville foi derrotada pelo ciúme dos franceses porque foi assumida por um negociador de quem os franceses temiam. Mais tarde, as nações imperialistas atribuíram o referido papel de Comissário Internacional do Congo a Angola, mais precisamente ao regime do MPLA.

O escritor português Fernando Pessoa escreve: “A escravatura é lógica e legítima; um Zulu ou Landim (pretos de África) não representa nada de útil neste mundo; escravizá-los é lógico. O legítimo é forçá-los, uma vez que não são humanos, a servir aos fins da civilização. Civilizá-los, seja religiosamente ou de outra forma, é querer dar-lhes o que não podem ter”.

Apesar de ser um defensor activo do tráfico de escravos e da escravatura, ambos crimes contra a humanidade, e de acusar o Cristianismo de ter envenenado os conceitos sociais e assoldado a concepção lógica da supremacia branca com o igualitarismo, Pessoa é, mesmo assim, considerado o maior poeta da língua portuguesa e um dos maiores da literatura universal.

Vide Marco Tosatti, *White Suprematism. Where Was It Born? But It's (Almost) Vanished*, 2020.

A Conferência de Yalta, realizada de 4 a 11 de Fevereiro de 1945 em Yalta (Crimeia), foi a reunião dos Chefes de Governo dos Estados Unidos, do Reino Unido e da União Soviética para discutir a Ordem Mundial do pós-Segunda Grande Guerra. Esta cimeira originou a “Carta do Imperialismo”, um documento secreto diametralmente oposto à Carta das Nações Unidas.

Esta terrível Carta do Imperialismo, na qual a “Ordem Mundial de Yalta” em que vivemos hoje se baseia, além de se destinar a impedir a paz e a segurança, bem como a descolagem económica em toda a África, afecta gravemente a reputação internacional do Secretário-Geral da ONU, e, assim, representa a maior cruzada contra o ideal de paz universal da ONU.

O acto de privar o povo de Cabinda [África em geral] dos seus próprios meios de subsistência e a deterioração social consequente, donde a diminuição significativa da esperança de vida, prendem-se com a proposta do Dr. Henry Kissinger segundo a qual, "O despovoamento deve ser a maior prioridade da política externa dos EUA em relação ao Terceiro Mundo."

No Memento que o então Secretário de Estado dos EUA, Henry Kissinger, enviou ao Conselho de Segurança Nacional sob o título "Implicações do Crescimento da População Mundial para a Segurança dos EUA e Interesses no Estrangeiro", o despovoamento é justificado pelos factores segurança e necessidade de matérias primas oriundas dos países menos desenvolvidos.

Vide Henry Kissinger, *National Security Study Memorandum 200*, dated April 24, 1974,

Durante uma reunião bilateral em 1955 entre o Dr. Paulo Cunha, Ministro Português dos Negócios Estrangeiros, e o seu homólogo norte-Americano, John Foster Dulles, ambos concordaram que "A própria existência da Europa Ocidental depende dos recursos da África e do controlo contínuo exercido pelas potências da Europa Ocidental sobre o continente africano".

Vide Paulo Cunha e John F. Dulles, *Memorandum of a Conversation*, 30 November 1955.

O artigo de Finian Cunningham de 2012, intitulado "West's Scramble for Africa: Terror Pretext in Mali" (Luta do Ocidente pela África: Pretexto de Terrorismo no Mali), é uma crítica incisiva à forma como a África ainda está a ser tratada pelo Ocidente. Esta luta traz à luz a extrema importância económica que a África tem para as potências ocidentais.

Cunningham diz que: "A mobilização do envolvimento militar ocidental no Mali — alegadamente para combater a 'al-Qaeda' e outros grupos ditos jihadistas — é o novo pretexto para uma luta neo-colonialista pela África". No Ocidente, a África é o continente do futuro, tendo em conta a sua vasta riqueza natural e o facto de ser a maior massa terrestre do mundo.

Durante o século XIX, as principais potências europeias — Grã-Bretanha, França, Bélgica, Alemanha e Itália — correram para se apoderar de territórios em todo o continente africano, no que então foi chamado de 'Luta pela África'. Milhões de africanos foram mortos ou morreram de fome enquanto os exércitos europeus rivalizavam entre si para saquear os imensos recursos.

Na época, as potências europeias justificavam a sua conquista e roubo criminosos com a chamada "missão civilizadora" — noção de que o homem branco estava a levar moralidade e democracia aos pretos atrasados. Hoje, tais atitudes racistas não servem; inventa-se outro pretexto para a conquista da África, sendo que desta vez os EUA se juntaram aos Europeus.

Vide Finian Cunningham, *West's Scramble for Africa: Terror Pretext in Mali*, 2012.

Observações conclusivas do MNC

Agostinho Neto e o MPLA falharam e não farão senão continuar a falhar, porque ambos foram moldados para fazer de Angola um Estado e uma Nação falidos. Os Egos e a falta lamentável de auto-confiança expuseram Neto e o MPLA à manipulações. Estas suscitaram neles interesses individualistas que impediram de ter uma visão objectiva do perigo que espreita Angola.

Quando um povo se torna incapaz de se unir face a um perigo eminente de morte, isto é, de extinção, o total desaparecimento físico desse povo torna-se inevitável no horizonte. Por não colocarem os interesses do povo angolano no topo das respectivas agendas, os políticos angolanos tornam-se culpados de não assistência a populações em perigo de extinção.

Tendo em vista os factores externos mencionados nas páginas precedentes, assim como a frivolidade dos ditos intelectuais (assimilados) angolanos, é indiscutível que nenhum partido e nenhum político angolano está em posição de salvar Angola do tão triste estado de coisas. As dívidas contraídas pela ditadura do MPLA são por si só um obstáculo intransponível.

Em Angola e um pouco por toda a África, urge transferir do poder político, de uma forma racional e prática, aos povos indígenas, i.e. não-assimilados. Isso equivale a reconhecer nestes povos a primazia da autoridade política nacional e continental, pois somente eles são detentores do poder necessário para tirar seus respectivos países do jugo das "dívidas odiosas".

Para triunfar, a África precisa de reatar com a sua história e suas instituições culturais, políticas e sócio-económicas pré-conquistas imperialistas e colonialistas europeias. O factor segurança é sem dúvida o que qualquer ser humano ou nação procura antes de tudo. Urge substituir a UA por uma "Aliança Transatlântica Africana" capaz de reunir os Africanos de todo o mundo.

Segundo Napoleão Bonaparte, "existem apenas duas forças que unem os homens, isto é, Medo e Interesse". Medo e Interesse, eis o que aliou Europeus e Europeus-Americanos ao ponto de conceberem uma política de defesa comum, a saber, a OTAN. Espera-se que os Africanos actualizem a Conferência Ásia-África de 1955 para uma política de defesa comum.

Atenciosamente,



Bartolomeu Capita (Sr.)
Presidência Conjunta, Movimento Nacional Cabinda



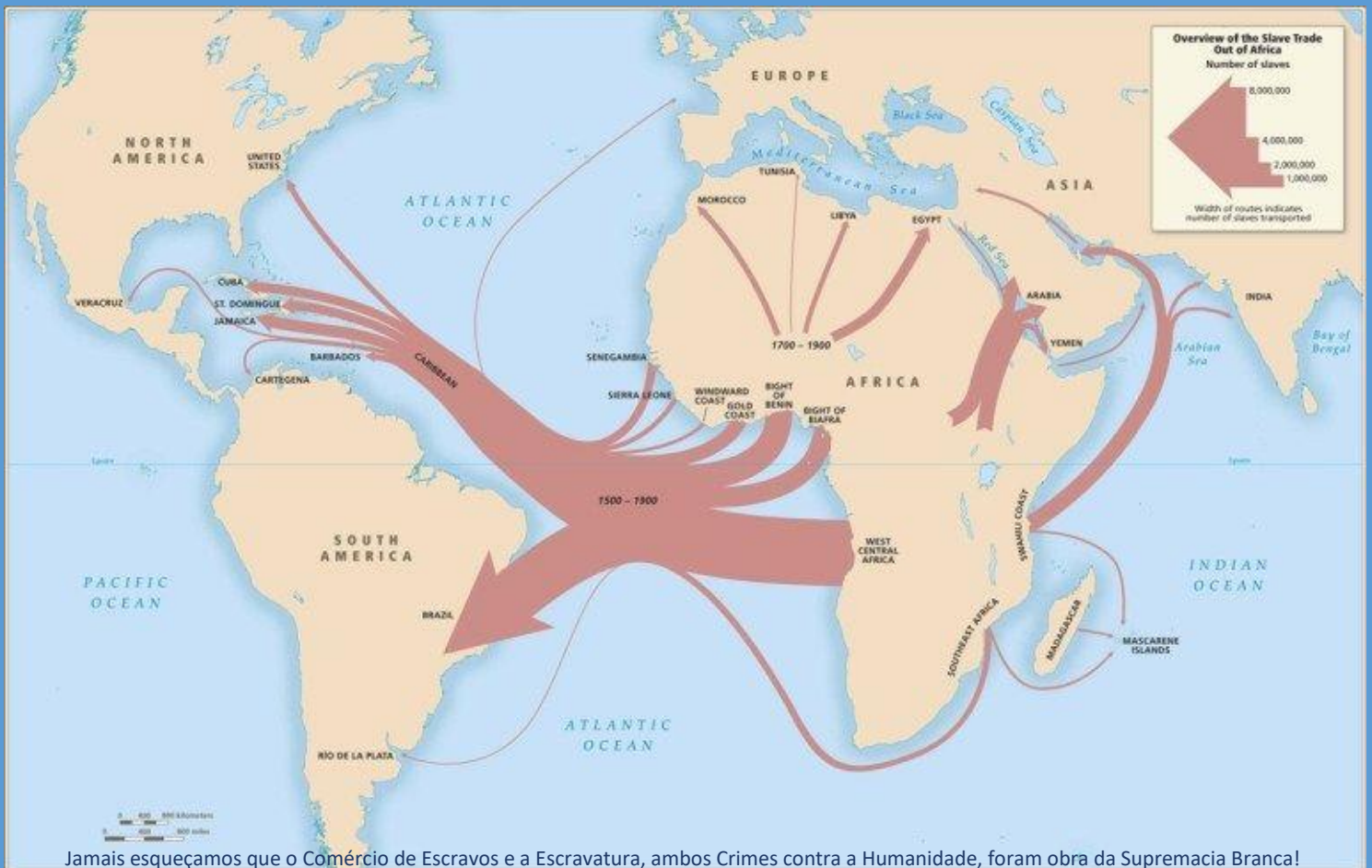
“Como podes recorrer a um sistema que conseguiu o seu ganha-pão escravizando-te, para te Salvar?”

— Dr. John Henrik Clarke



“Injustiça em qualquer lugar é uma ameaça à justiça em todo o lado.”

— Dr. Martin Luther King, Jr.



**Bartolomeu Capita (Sr.)
Refugiado sob mandato do ACNUR**

Presidência Conjunta, Movimento Nacional Cabinda

E-mail: cabinda.independent@gmail.com

Tel.: +49 (0) 176 3068 3616